

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 22, ano 2025 | ISSNe: 2675-5432

“A revolução não está a serviço do ódio de ninguém”: a Ditadura Civil-Militar em Ilhéus 1964-1985

Franciane Nunes dos Santos

Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil (2022). Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (2023), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Participo do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais - (LABELU) (2023). Participei como bolsista do projeto de pesquisa, “Outras Memórias da Ditadura Civil-militar de 1964-1985 em Ilhéus.”, financiado pela (FAPESB), com vigência (2018-2019). E do projeto de “Ensino de História e Direitos Humanos: a ditadura civil-militar e as violações dos direitos humanos na região sul da Bahia”, financiado pelo Programa de Apoio ao Ensino da Graduação (PAEG-UESC), durante os anos de (2020 - 2021). Estagiária do programa do Governo do Estado da Bahia, “Mais Futuro”, no Colégio Estadual do Salobrinho - Ilhéus. (2021-2022). Tendo interesse na temática da ditadura civil-militar (1964-1985), com foco no sul da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4730-1657>



Recebido em: 01/11/2024
Aprovado em: 19/12/2024
Publicado em: 28/03/2025

“A revolução não está a serviço do ódio de ninguém”: a Ditadura Civil-Militar em Ilhéus 1964-1985

Franciane Nunes dos Santos¹

Resumo

O presente texto apresenta o papel desempenhado pelo jornal *Diário da Tarde* no processo de legitimação da Ditadura Civil-Militar. Assim como, investiga a divulgação do controle e a colaboração de sujeitos que contribuíram para a construção do consenso em torno da defesa da intervenção militar. No processo de investigação, contou-se com a colaboração de de figuras importantes da região cacauzeira do sul da Bahia, como o professor Soane Nazaré de Andrade, a partir das publicações anticomunistas em defesa da intervenção militar das Forças Armadas,

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil (2022). Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (2023), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Participo do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais - (LABELU) (2023). Participei como bolsista do projeto de pesquisa, “Outras Memórias da Ditadura Civil-militar de 1964-1985 em Ilhéus.”, financiado pela (FAPESB), com vigência (2018-2019). E do projeto de “Ensino de História e Direitos Humanos: a ditadura civil-militar e as violações dos direitos humanos na região sul da Bahia”, financiado pelo Programa de Apoio ao Ensino da Graduação (PAEG-UESC), durante os anos de (2020 - 2021). Estagiária do programa do Governo do Estado da Bahia, “Mais Futuro”, no Colégio Estadual do Salobrinho - Ilhéus. (2021-2022). Tenho interesse na temática da ditadura civil-militar (1964-1985), com foco no sul da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4730-1657>

que, segundo o jornal e autor, salvou o país da ameaça comunista.. O posicionamento do *Diário da Tarde*, aliado ao apoio de figuras públicas, foi essencial para a disseminação e a legitimação dos princípios ideológicos defendidos pela Ditadura Civil-Militar.

PALAVRAS CHAVES: Ditadura; Ilhéus; Imprensa.

Abstract

This text presents the role played by the newspaper *Diário da Tarde* in the process of legitimizing the Civil-Military Dictatorship. As well, it investigates the disclosure of control and the collaboration of subjects who contributed to the construction of consensus around the defense of military intervention. The investigation was carried out in collaboration with important figures from the cocoa region of southern Bahia, such as professor Soane Nazaré de Andrade. From anti-communist publications in defense of the military intervention of the Armed Forces, which, according to the newspaper and author, saved the country from the communist threat. The positioning of *Diário da Tarde*, combined with the support of public figures, was essential for the dissemination and legitimization of the ideological principles defended by the Civil-Military Dictatorship.

KEYWORDS: Dictatorship; Ilhéus; Press.

Introdução

O presente trabalho analisa o papel crucial desempenhado pela imprensa local no processo de apresentar a necessidade da intervenção militar. Além disso, propõe a reflexão sobre a atuação dos civis nesse período e discute como suas ações contribuíram, de certa forma, para a legitimação do golpe e da ditadura. Decorridos 60 anos do golpe de Estado de 1964, esse passado

recente continua a suscitar inquietações no presente. A pesquisa se insere em um conjunto de produções historiográficas, como as de Blume (2018), Santos (2017) e Santos (2022), que investigam a ditadura civil-militar na região cacauzeira.

O *Diário da Tarde*, fundado em 1928, por Francisco da Silveira Doréa, atuou no processo de legitimação do golpe e da ditadura na região cacauzeira, veículo utilizado para noticiar as normas de segurança impostas pela ditadura. Assim, torna-se essencial a reflexão do papel desempenhado pela imprensa naquele período.

Kushnir (2004), em sua tese "Cães de Guarda: Jornalista e censores, do AI-5 à Constituição de 1988", analisa a relação entre a imprensa e o regime militar, que não apenas contou o apoio de alguns órgãos de comunicação, mas também com os "jornalistas colaboracionistas" vistos como "cães de guarda" do regime. Ao analisar o jornal *Folha de São Paulo*, Kushnir afirma que:

No caso da Folha da Tarde, os jornalistas responsáveis, íntimos do círculo policial repressivo, trocaram intencionalmente a narrativa de um acontecimento pela publicação de versões que corroborassem o ideário autoritário oficial. Certamente, acreditavam em suas ações, compactuando sempre com o poder vigente. A essa atitude se pode dar o nome de autocensura, como também colaboração. Fieis aos seus "donos", esses cães de guarda farejaram uma brecha, protegeram uma suposta morada e, principalmente, ao defender o castelo, venderam à sociedade uma imagem errônea. (Kushnir, 2007, p. 36).

As reflexões teórico-metodológicas realizadas por Silva (2006) analisam o papel que a imprensa desempenha como partido, conceito proposto por Antônio Gramsci. Essa abordagem nos chama atenção para a observação dos interesses econômicos, vínculos empresariais, projetos políticos e a visão ideológica defendida pela imprensa. Para Silva:

As empresas jornalísticas devem ser vistas como partidos de determinados grupos políticos e econômicos, em consonância com seus programas, ou seja, suas interpretações da realidade, acabam interferindo no conhecimento que se tem sobre a realidade e na tomada de posições sobre elas. A sua narrativa nunca é neutra e gera interpretações sobre os diversos aspectos da vida humana: seja o macroeconômico, seja o micro-comportamental. Através delas as pessoas tomam posição e circunscrevem suas visões de mundo. Acaba sendo uma forma de manutenção da hegemonia vigente (Silva, 2006, p. 2).

O jornal desempenha um papel social que vai além da informação dos acontecimentos; por meio dele, ocorre a difusão de ideias e concepções sobre o mundo. A partir dessa perspectiva, o jornal exerce um papel importante no processo de formação da opinião pública e pode colaborar para a manutenção da hegemonia.

As disputas historiográficas sobre o golpe de 1964 ultrapassam as barreiras acadêmicas, configuram-se como uma disputa política. Nesse sentido, torna-se essencial compreender a quem interessa a construção dessa memória sobre o golpe e a ditadura. É necessário entender o sentido do golpe que depôs o presidente João Goulart em 1º de abril de 1964 e da ditadura instaurada, que militarizou as instituições brasileiras.

O trabalho de René Dreifuss, *1964: A conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe*, publicado em 1981, foi pioneiro ao expor o sentido de classe do golpe civil-militar. O historiador uruguaio demonstrou como os institutos político-militares, o IPES/IBAD - Pesquisas e Estudos Sociais/Instituto Brasileiro de Ação Democrática, desempenharam um papel fundamental na organização e direcionamento dos interesses econômicos, políticos e sociais da burguesia nacional, cujo objetivo era “neutralizar o bloco no poder e dinamizar o processo de modernização capitalista” (Dreifuss, 1981, p. 162). Dreifuss chama atenção para estudiosos que superestimam o aspecto militar e subestimam a atuação dos banqueiros,

industriais e empresários da burguesia, que articularam a deposição do presidente João Goulart e ocuparam cargos administrativos e ministérios. O historiador Eurelino Coelho (2015) afirma que o golpe e a ditadura não foram "[...] puramente militar. O regime autoritário, em todas as fases, foi reconhecido como seu pela classe dominante que, apesar do estreitamento dos canais de representação e negociação de interesses, nunca esteve realmente ausente dos espaços decisórios estratégicos" (Coelho, 2015, p. 124).

No estudo apresentado por Dreifuss, ele demonstra como a elite orgânica burguesa, multinacional e associada, evoluiu de um grupo limitado para uma organização de classe capaz de articular um golpe de Estado. Essa elite de intelectuais orgânicos defendeu projetos que ultrapassavam os limites corporativos da classe econômica, forjando-os como interesses de outros "grupos subordinados", apresentados como necessários para a "salvação" do Brasil.

1. Notas e Ecos: "A Revolução não está a serviço do Ódio de Ninguém"²

Nas páginas do *Diário da Tarde*, o governo petebista foi retratado como uma ameaça iminente, contribuindo para a construção de um imaginário anticomunista e alimentando o discurso que legitimava a intervenção militar como solução necessária para a salvação do Brasil. Ao longo dos 21 anos de ditadura, as publicações de comemoração e apoio ao Golpe Civil-Militar foram frequentes. Através do editorial *Notas e Ecos*, o *Diário da Tarde* veiculou manchetes como: "A Mensagem da Revolução", "A Hora é de Compreensão", "Ação Social da Revolução",

² O título do texto faz referência à publicação do editorial *Notas e Ecos* do *Jornal Diário da Tarde*.

"A Revolução e seus Objetivos", "A Revolução não Está a Serviço do Ódio de Ninguém", "Democracia e Desenvolvimento", e "Bendita Revolução", entre outras. Essas publicações fornecem material para refletir sobre os argumentos empregados na disputa pela construção da opinião pública em torno dos ideais dos governos militares, que foram consistentemente defendidos nessas matérias. Analisemos o artigo "A Revolução não está a serviço do ódio de ninguém".

Passados mais de um mês do impacto revolucionário está comprovado que o movimento vitorioso, no país, que derrubou o governo do sr. João Goulart, não está a serviço do ódio de ninguém. É bem verdade que, em algumas localidades houve excessos, a revolução tem agido magnificamente. Aqui, mesmo na região cacaueteira, a sua conduta tem se pautado de modo construtivo, sem perseguições, nem golpes baixos. Esse comportamento das forças armadas que ocupam a nossa cidade tem merecido crescente simpatia, principalmente, no seio do povo, que está sentindo a defesa dos seus interesses, no abastecimento (Diário da Tarde, 22/05/1964, p. 2).

O artigo apresenta um posicionamento de apoio ao Golpe Civil-Militar de 1964, no qual o *Diário Tarde* ressalta a importância da intervenção militar. O periódico reforça que o ocorrido em 1º de abril foi uma "Revolução", termo frequentemente empregado pelos apoiadores do regime para relativizar a natureza do golpe e da ditadura. Embora o *Diário da Tarde* admita a ocorrência de "excessos" em algumas localidades, logo em seguida, minimiza esses eventos ao elogiar a conduta "magnífica" da "revolução". A minimização dos episódios de repressão e violência que ocorreram em diversas partes do país faz parte de uma estratégia de negação das violências cometidas pelo Estado, com objetivo de legitimar as ações das Forças Armadas.

Ao mencionar o "modo construtivo" de governar, especificamente na região cacaueteira, o texto destaca a

ausência de perseguições e “golpes baixos” na localidade. Enfatiza ainda o comportamento das Forças Armadas como defensoras dos interesses populares, especialmente no que diz respeito ao abastecimento de recursos, com o objetivo de reforçar a imagem de um governo militar comprometido com as necessidades do povo. Esse discurso buscava obter apoio popular. A “simpatia crescente” mencionada no editorial *Notas e Ecos* sugere um esforço deliberado do jornal em normalizar a ocupação militar, apresentando-a como uma medida necessária e benéfica para a população, ao enfatizar, inclusive, melhorias no abastecimento. Essa defesa se fundamenta no argumento dos benefícios citados para a região. O editorial ressalta que tais benefícios “não podem surtir efeitos aos arrancados de ódios de políticos ultrapassados”, evidenciando, assim, um conflito político.

No texto “A mensagem da Revolução”, publicado em 8 de abril de 1964, o *Diário da Tarde* descreve a operação das Forças Armadas como “admirável”, afirmando que, ao destituírem o ex-presidente, os militares estariam cumprindo os preceitos constitucionais. A retórica em torno do caráter “revolucionário” e “democrático” buscava transformar o golpe em uma ação moralmente justificada. A invocação da Carta Magna pelos órgãos de imprensa alinhados ao regime funcionou como um instrumento de legitimação da ação golpista. Nesse contexto, a legalidade foi distorcida para justificar um governo que, ao longo dos anos, cometeu torturas e cerceou as liberdades democráticas no país (*Diário da Tarde*, 08/04/64, p. 2).

É importante observar que o *Diário da Tarde* apresenta um posicionamento que vai além do mero apoio à intervenção militar; o periódico analisa os eventos da política nacional e propõe novos caminhos dentro dos ideais da “Revolução”. No artigo em questão, destaca-se que a “Revolução” cumpriu uma primeira etapa e que, agora, cabe a ela garantir uma segunda fase, voltada para a construção da ordem e do progresso. Essa “Revolução” possui

uma mensagem a ser transmitida, a qual foi negada pelo governo de João Goulart, uma mensagem de “ordem” e “esperança”. O *Diário da Tarde* atribui às Forças Armadas a tarefa de assegurar essa “ordem” e “progresso”, que deveriam ser “defendidos a todo custo”. Assim, enfatiza que, se necessário, deveriam ser aplicadas punições aos opositores da ditadura instaurada, as quais seriam executadas dentro dos rigores da lei, conferindo, mais uma vez, um caráter de legalidade às repressões e torturas perpetradas pelo Estado.

Está pronta a primeira etapa da revolução vitoriosa. A Pátria foi defendida dos que, no Poder, ameaçavam-lhe a própria soberania. Resta às Forças Armadas a segunda etapa, isto é, a garantia da ordem, já que a garantia dos poderes constitucionais tem elas colocado acima de qualquer dúvida. A ordem, sem a qual não haverá trabalho nem progresso, a ordem precisa ser defendida a todo custo, dentro de um clima de respeito a todos, porque todos são parcelas da Nação. Não quer isso dizer que não deva haver punições. Mas punições para os culpados. E punições na forma da lei. (*Diário da Tarde*, 08/04/64, p. 2).

A mensagem da “Revolução” defendida no artigo enfatizava a conquista de um “futuro de paz” e “prosperidade”, assegurados pela deposição de João Goulart, o que era interpretado como a salvação do país diante da ameaça “comunista internacional”. O *Diário da Tarde* convoca a população a lembrar que “as forças corrosivas que detinham o poder menosprezavam o estudo jurídico e exaltavam os processos violentos e justificavam as pressões, inclusive sobre o Congresso Nacional, vale dizer, sobre a representação popular”. Assim, defendia-se que era chegada a hora da “Razão” e do “Direito” governarem o país. Nesse sentido, o jornal posiciona-se favoravelmente ao golpe, argumentando que o perigo do comunismo se acentuava em meio às manifestações sociais que ocorreram em diversas partes do Brasil durante a década de 1960.

Sim, porque esta revolução tem uma mensagem. A mensagem que o governo deposto negou ao povo brasileiro. Mensagem de ordem e esperança, para que um povo trabalhador possa construir com liberdade, o futuro de paz e de prosperidade que manterá, neste hemisfério, permanentemente aceso o sinal vermelho de trânsito proibido ao comunismo internacional. O império da ordem e da lei, o prestígio do Direito, o fortalecimento consequente das instituições - eis o que a Nação espera venha a decorrer da gloriosa revolução (Diário da Tarde, 08/04/64, p. 2).

O *Diário da Tarde* debateu sobre a política nacional e contribuiu para o apoio às medidas adotadas pelos governos militares que tomaram o poder. Segundo o jornal, essas ações eram consideradas necessárias para salvar o país e promover o progresso da população brasileira. Esse discurso defende que a intervenção foi benéfica para o povo, uma vez que alegava ter um projeto de distribuição da riqueza e garantia de paz: “[...] que somente resultará da integração de todos os brasileiros no processo de desenvolvimento nacional, com igual participação nas riquezas do Brasil” (Diário da Tarde, 08/04/64, p. 2).

A população também é incumbida de uma “tarefa”, conforme expresso no texto “A hora é de compreensão”, no qual é solicitado um esforço para apoiar e compreender, principalmente, no que diz respeito à necessidade de obediência às autoridades.

Precisa esse esforço contar com o decidido apoio do povo, da compreensão do povo, principalmente, no que se refere ao acatamento das determinações das altas autoridades civis e militares. O acatamento a essas determinações adotadas para aceleração do serviço do desmonte da máquina antidemocrática, facilitará a tarefa e abrirá com mais rapidez a estrada para a normalização da vida nacional. Vivemos um instante decisivo em nossa História e para que possamos sair deste passo grave da nacionalidade somos todos convocados para a obra de restauração da paz social (Diário da Tarde, 09/04/64, p. 2).

Esses artigos se revelam como componentes fundamentais na influência política da região cacauceira, no processo de construção do consenso em torno da legitimação da ditadura. O jornal atuou como um importante veículo de informações e colaborador do regime, na disseminação de ideias que sustentaram o apoio e a justificativa para a permanência dos militares no poder. Além disso, também serviu como meio de transmitir normas de segurança e instrumento de vigilância da população, abrangendo desde decretos de segurança até notas de vigilância que designavam a população como fiscalizadora.

Em 3 de abril de 1964, o *Diário da Tarde* publicou um comunicado oficial com a manchete "Medidas de segurança adotadas nesta Cidade", emitido pelo major Horton de Olinda, comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar de Ilhéus. Nesse aviso, conforme a ordem recebida, foram anunciadas as proibições de reuniões de caráter político e sindical, assim como comícios e outros atos que representassem uma ameaça à "ordem" (*Diário da Tarde*, 03/04/1964, p. 1).

A prática de vigilância foi incentivada³ pelos governos militares no processo de denúncias de atos considerados "subversivos", amplamente divulgada no *Diário da Tarde*, nos anos 1970 e 1971, por meio da publicação intitulada "Lembra-te cidadão: Decálogo da Segurança".

A matéria que antecede o Decálogo de Segurança apresenta uma análise da diagramação do folheto, impresso em negrito. De um lado, havia a letra do Hino Nacional Brasileiro e, do outro, o Decálogo com os dez "mandamentos de segurança", com título em letras grandes e vermelhas. A Federação Paulista de Futebol imprimiu milhares desses folhetos. A publicação do Decálogo de Segurança foi veiculada pelo jornal *Estado de São Paulo*, indicando

³ Para mais informações sobre a prática de denúncias, consultar: Priori, Brunelo (2021) e Fico (2002), que examinaram cartas enviadas pela população, nas quais eram denunciadas "atividades subversivas" no Brasil durante a ditadura.

que o folheto foi distribuído dentro e fora do estádio do Morumbi durante um jogo entre o Brasil e o Chile.

O Decálogo da Segurança foi elaborado pelo II Exército, em 1969, e distribuído pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) a todo o sistema de informações, com a orientação de que fosse amplamente divulgado e distribuído (DEAP, Fundo DOPS, pasta 1870.213, p. 119). (Priori; Brunelo, 2021, p. 26). O que chama a atenção é o recurso de repetição empregado pelo jornal *Diário da Tarde*, ao veicular a publicação do decálogo em suas edições diárias, por mais de um ano. O jornal *Diário da Tarde* nos permite, assim, analisar a prática da propaganda de vigilância, que garante o "anonimato" do denunciante.

É feita uma leitura maniqueísta da população brasileira entre "algozes e vítimas" (Magalhães, 1997). De um lado, os "terroristas" e, do outro, um povo que precisa se defender dessa ameaça. Assim, o cidadão que não delatasse alguma movimentação "suspeita" seria considerado conivente. Para a manutenção da paz, o caminho seria a cooperação com o regime. Este folheto tinha a função de ensinar: "a ler jornais, ouvir rádio e assistir televisão com "certa malícia", captando "mensagens indiretas e intenções ocultas", acrescentando que era como um jogo "muito divertido".⁴

Com a difusão da propagação do medo da ameaça à família, as pessoas foram incentivadas a manter uma vigilância constante da vizinhança. Isso incluía a análise das pessoas que se mudavam para o bairro, a observação de suas falas, as quais poderiam estar influenciadas pela "opinião" de terceiros, além de observar as roupas e aspectos pessoais, para eventual necessidade de denúncias. A invasão da privacidade também foi incentivada, com solicitações dos órgãos de segurança, para que os cidadãos permanecessem atentos, dado que, naquele período, havia muitas linhas telefônicas cruzadas.

⁴ Os Dez Mandamentos da Segurança. **Diário da Tarde**, Ilhéus, 30 mar. 1970, p. 6.

2. Dimensões da ditadura Civil-militar na região do cacau pelas páginas do *Diário da Tarde*

As manifestações de apoio de instituições e figuras de destaque da sociedade ilheense ganharam as páginas do *Diário da Tarde*. Foi celebrada uma missa, em agradecimento às Forças Armadas, no dia 3 de abril de 1964, na Catedral de São Sebastião. Para o *Diário da Tarde*, havia motivo para “regozijar” a “revolução” que “salvou” o país e havia restaurado a “legalidade democrática no Brasil sem derramamento de sangue”. Nas publicações do período, enfatiza-se que o movimento aconteceu sem derramar sangue, atribuindo-lhe um caráter de passividade.

Quando as Forças Armadas patrioticamente se mobilizaram para restituir à Nação o seu equilíbrio ameaçado pela exacerbada e inconsequente, fizeram-no sem dúvida para que a bandeira das reformas não servisse de pretexto para a reforma dessa Bandeira onde está inscrita legenda irreversível “Ordem e Progresso” (*Diário da Tarde*, 04/04/1964. p. 1).

Em nota publicada no *Diário da Tarde*, no dia 14 de abril de 1964, o prefeito de Ilhéus, Herval Soledade, em “ato de júbilo”, decretou feriado no dia seguinte, em homenagem à posse do general Humberto de Alencar Castelo Branco. O prefeito saudou a “Revolução que as Forças Armadas tornaram vitoriosa”, reestabelecendo a “paz e a concórdia social” no país (*Diário da Tarde* 14/04/1964, p.1).

Com a deflagração do Golpe de Estado, em 1º de abril de 1964, o jornal *Diário da Tarde* e figuras de destaque na região, como o professor Soane Nazaré de Andrade (1933-2023), desempenharam um papel relevante ao expressarem apoio ao golpe e defenderem a necessidade da intervenção militar no país. Soane Nazaré de Andrade, em particular, publicou uma série de artigos nos quais refletia sobre as ações políticas, econômicas e sociais do Brasil, reforçando as justificativas para a tomada de poder pelos militares.

No período, Soane Nazaré de Andrade era diretor da Faculdade de Direito de Ilhéus, fundada em 1960. Ele participou da implantação da Federação de Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI), em 1973, instituição que posteriormente se tornaria a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Foi Diretor Geral da FESPI entre 1973 e 1985 e, atualmente, seu nome é atribuído ao campus da UESC.

O jornal *Diário da Tarde* apresenta o golpe como necessário para garantir a ordem e combater o comunismo, considerado uma ameaça ao país. Em várias cidades da região cacauzeira, a Igreja Católica organizou as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, com a participação de representantes de diversos setores sociais. As marchas tomaram as ruas de diversas cidades do país. Cidades do Sul da Bahia, como Buerarema, Itabuna e Ilhéus, foram palco das marchas, em apoio às Forças Armadas. Esse movimento foi organizado pela articulação de lideranças locais, em conjunto com a Igreja Católica, caracterizando-se como uma "manifestação cívico-religiosa".

Em Ilhéus, a marcha, marcada para as 15 horas, teve início na Praça J.J. Seabra e terminou na Praça Dom Eduardo, junto à Catedral de São Sebastião, onde estava o palanque montado pela prefeitura (*Diário da Tarde*, 05/06/1964, p. 5).

[...] o povo de Ilhéus terá oportunidade de demonstrar, de público, o seu alto sentimento de patriotismo e de brasilidade; e do mesmo tempo, agradecerá a Deus e homenageará às Forças Armadas pela vitória da Revolução no combate do comunismo no Brasil, sem derramamento de sangue (*Diário da Tarde*, 20/05/1964, p. 1).

Andrade discursou na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, a sua fala foi publicada no *Diário da Tarde*. Essa publicação soma-se a outros

artigos publicados no período⁵, nos quais o professor analisa a necessidade da intervenção militar e a continuidade da tarefa da "revolução". Esses artigos também foram publicados posteriormente no livro *Revolução e Universidade*, publicado em 1980, que se encontra disponível na biblioteca da UESC.

O discurso "improvisado" de Andrade é direcionado aos operários, estudantes e camponeses, no qual afirma que Goulart inflamava as emoções dessas categorias, sobretudo os camponeses. O orador chama a atenção para a necessidade de continuarem vigilantes com os rumos da "revolução", que precisa continuar a luta pela "democracia". É importante refletir que a atuação de Soane vai além de um apoio declarado no ímpeto da deposição de João Goulart. Andrade defende a necessidade da criação de uma nova Constituição e aponta que "o pior que pode suceder a uma revolução é a sua frustração." Ao escrever o artigo "A Revolução e o Futuro", ele demonstra preocupação ao observar que "[...] revolução que triunfa sem sangue e não se realiza é pura frustração. Porque não se faz revolução para substituir apenas um governo por outro, mas uma ordem jurídica e social por outra que atenda melhor às aspirações da coletividade" (Diário da Tarde, 30/04/1964, p.4). Soane cobra das Forças Armadas a execução da "missão" de "tanger os comunistas" do país.

Se a revolução se amesquinha na perseguição de estudantes românticos e funcionários subalternos, deixando de cumprir a missão mais ampla de varrer a corrupção que cevou tantos poderosos e tanger os comunistas que vão a canossa apenas para se conservarem nos cargos - se a revolução faz isso, então ela estará perdida, sejam os mais puros os seus propósitos e sejam os seus líderes os homens mais honrados das nossas Forças Armadas (Diário da Tarde, 30/04/1964, p.4).

⁵ artigos "A Revolução e o Futuro", "O Prestígio das Instituições", "A Revolução Brasileira", "A Revolução de Março salvou a Constituição - cumpro ao povo salvar a Revolução dando-lhe o prestígio de seu apoio".

Dessa forma, Soane de Andrade atuou enquanto intelectual da classe dominante, ao defender os interesses projetados pelos militares no poder, a partir de publicações que incansavelmente respondiam ao "inimigo". Sua tarefa era responder ao "adversário", o comunismo, fomentando a imaginação de ameaça ao povo brasileiro, que precisava defender a Família, Deus e a Democracia.

3. Considerações Finais

A imprensa burguesa desempenhou um papel importante no processo de legitimação do golpe e no apoio à ditadura que se instalou no Brasil, não apenas nas grandes cidades, mas também em cidades do interior, como Ilhéus, onde teve grande influência na dinâmica política e social, principalmente na divulgação do projeto político dos governos militares. A imprensa atuou como um "partido político", na organização e direcionamento dos interesses da classe dominante ao defender as concepções golpistas. Muitos jornais serviram como instrumentos de divulgação para a vigilância e o controle. As normas de segurança veiculadas na imprensa local, juntamente com os decálogos de segurança amplamente divulgados no jornal *Diário da Tarde*, tiveram um papel importante como "colaboracionista" da ditadura civil-militar na região cacaujeira.

Nesse processo de apoio, a imprensa contou com a colaboração de figuras importantes, como o professor Soane Nazaré de Andrade, que utilizou do prestígio social para contribuir com a disputa pela construção do *consenso* em torno dos ideais dos golpistas. Suas falas serviram para legitimar a intervenção dos militares, ao apontar o governo anterior como uma ameaça ao povo brasileiro.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Soane Nazaré de. **Revolução e universidade**. São Paulo: Edições Grd, 1980.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. Outras Memórias da ditadura civil-militar de 1964-1985 em Ilhéus: notas de uma pesquisa. In: Encontro Estadual de História: História e Movimentos Sociais, 9., 2018, Santo Antônio de Jesus: ANPUH, 2018. p. 1 - 16. Disponível em: http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532391909_ARQUIVO_Outrasmemoriasdadi-taduracivil-militarde1964-1985emIlheus_notasdepesquisa.pdf. Acesso em: 29 set. 2024.

COELHO, Eurelino. Dois Golpes, Duas Ditaduras. **História Revista**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 120-141, fev. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/39368/19959>. Acesso em: 18 jun. 2024.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**: Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

FICO, Carlos. "Prezada censura": cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 251-286, dez. 2002. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/topoi/a/HK5PxXm9dSBk9NKvt7P9kJq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2024.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. V. 2.

KUSHNIR, BEATRIZ. Cães de Guarda: Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004

KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 27-38, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2203/1309>. Acesso em: 12 out. 2024.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Revista Brasileira de História**, [S.L.], v. 17, n. 34, p. 203-220, 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-01881997000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jhG4q3jQsNw7ytcH53C4X6j/?lang=pt#>. Acesso em: 28 set. 2024.

PRIORI, Angelo; BRUNELO, Leandro. Delatores e práticas de delação no limiar da Ditadura Militar do Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32, p. 1-39, 08 fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313322021e0201/12740>. Acesso em: 1 out. 2024.

SANTOS, Franciane Nunes dos. **Vigilância e Controle na Região Cacaueira durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985)**. 2022. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, DFCH, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2022.

SANTOS, Maíza Ferreira dos. **Outras memórias e muitas histórias sobre a ditadura civil-militar em Ilhéus (1964-1974)**. 2017. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, DFCH, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

SILVA, Carla Luciana et al. Estudando a imprensa para produzir história. In: III SIMPÓSIO ESTADUAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 3., 2006, Londrina. **Simpósio**. Londrina: Eduel, 2006. p. 1-13. Disponível em: <https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/carlalucianasilva.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.